

## Esboço de Leitura: Análise Comparativa de Textos

Análise de textos literários e considerados não-literários, tendo como objetivo mostrar as diferenças e semelhanças das diversas formações discursivas. Esse estudo volta-se, também, para uma leitura do ideológico e para a necessidade de se repensar o conceito de literatura.

### 1. Introdução

Este trabalho resulta de discussões entre professores e alunos.<sup>1</sup> Ao analisarmos três textos referentes ao problema do menor — a letra de «O meu Guri» de Chico Buarque, um anúncio e uma notícia de jornal —, pretendemos evidenciar as diferenças e semelhanças das diversas formações discursivas, produzidas em nossa sociedade. Nesse sentido, achamos que se pode falar de um modelo teórico de análise nos termos sugeridos por Affonso Romano de Sant'Anna.<sup>2</sup> Nossa abordagem volta-se, também, para uma leitura do ideológico e para a necessidade de se repensar o conceito de literatura.

---

1. Colaboraram nas discussões dos textos analisados as professoras de Teoria da Literatura: Maria Helena Rabelo Campos e Ivete Lara Camargos Wafty. Este trabalho introduziu o curso de Estrutura da Obra Literária I (2º semestre de 1982).

2. SANT'ANNA, Afonso Romano de. Por um novo conceito de literatura (brasileira). In: Por um novo conceito de literatura brasileira. Rio de Janeiro, Eldorado, 1977. Esclarecemos que o crítico em seu ensaio chama a atenção para a exclusão do estudo da literatura de massa nas Faculdades de Letras e nos Cursos de Comunicação. Ao propor a leitura desses textos sugere «uma leitura de inclusão que absorva a leitura por exclusão». (p. 15). É importante

Por uma questão didática, procederemos à análise dos textos, separadamente. Isso não significa considerá-los como unidades estanques.

## 2. «O meu guri» (ver anexo)

O poema apresenta quatro estrofes e um refrão: «Olha aí, aí o meu guri, olha aí». Trata da vida e morte de um menino advindo de uma classe social marginalizada.

A primeira referência ao guri vem expressa por «meu rebento». O «rebento» é o fruto, o início do desenvolvimento, é o descendente de família ilustre. Essa expressão conotadora de uma cadeia de significados positivos adquire um sentido contrário, no poema, ao associar-se a «não era o momento dele rebentar». O verbo rebentar traduz a idéia de um aparecimento com violência.

O aspecto negativo de que se reveste o nascimento do guri se acentua com as expressões: «cara de fome» e «e eu não tinha nem nome pra lhe dar». No plano afetivo, o guri é carente como sua mãe. A dependência de ambos — mãe e filho — resulta num jogo de doações mútuas de ordem afetiva e econômico-social. São elucidativos os versos:

«Chega suado e veloz do batente e traz sempre um presente  
pra me encabular»

«Eu consolo ele, ele me consola  
boto ele no colo pra ele me ninar  
de repente acordo, olho pro lado  
e o danado já foi trabalhar, olha aí»

Apesar dessa interdependência, o filho tem o papel de provedor da mãe. É ele quem lhe fornece identidade, bens materiais, através do seu «trabalho». No contexto social, em que se inserem, a mãe e o guri têm aspirações que se identificam com as dos dominantes. Paradoxalmente, porém, por um processo de inversão, o «chegar lá» do guri e, conseqüentemente, o da mãe será feito na marginalidade.

---

reforçar o intuito do autor: «O que se propõe aqui, enfim, é que se pare com essa leitura de exclusão (vanguarda, formalismos, belas-artes, kitsch) e proceda-se uma leitura de inclusão reinterpretando-se o todo e as partes dialeticamente». (p. 28, 29).

Os objetos de que a mãe é portadora indiciam sua relação imaginária com o mundo. Com a identidade do Outro (Eu social), a mãe passa a identificar-se com o espaço que é o de «lá» e não o de «cá» do morro, espaço dos excluídos e oprimidos em que ela se encontra.

Na terceira estrofe, continua a delinear-se o quadro de contradições em que se movem a mãe e o guri. Chega a haver uma reprodução dos temores da classe dominante na classe dominada. Pela ambigüidade sugerida pelo poema, pode-se ler a expressão «essa onda de assaltos tá um horror» de forma múltipla. Assim, se por um lado, o marginal se vê sobressaltado pelo perigo que lhe oferece alguém de condição semelhante a sua, por outro, o guri, enquanto marginalizado, sente a ameaça da polícia. Por esse jogo de inversões, o poeta denuncia a realidade: a violência do marginal contraposta à violência da polícia.

Na última estrofe do poema, aparece a concretização do «chegar lá» desse guri. O fato particularizado no poema — a vida do «meu guri» — só pode ser entendido numa dimensão em que os desequilíbrios econômicos geram desigualdades sociais. A sociedade produz os «guris» e marginaliza-os. Esse processo de discriminação atinge seu ápice com a morte do guri. Retorna-se ao equilíbrio social, institui-se o discurso da ordem, do Mesmo, sem a necessária mudança na composição das forças sociais. Se a sociedade propõe a morte como solução para os conflitos, não se pode dizer o mesmo quanto à posição do poeta.

Ao utilizar-se da ironia trágica, do entrecruzamento de vozes, como veremos mais adiante, o poeta não tem a intenção de mostrar, de forma redundante, o fim dos pivetes. Se assim ocorresse, pairaria sobre o texto uma dimensão trágica e excludora de uma perspectiva de denúncia. O poema provocaria em nós o efeito anestesiador da catarse. Conforme nos mostra Northrop Frye:

«a ironia isola da situação trágica o sentido de arbitrariedade, de ter a vítima sido infeliz, escolhida ao acaso ou por sina, e de não merecer o que lhe acontece, mais do que qualquer outra pessoa. Se não há uma razão para escolhê-la para a catástrofe, é uma razão inadequada, e suscita mais objeções do que responde».<sup>3</sup>

---

3. FREYRE, Northrop. Anatomia da crítica. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo, Cultrix, 1973. p. 47.

Se o guri é vítima da sociedade, a punição imposta a ele possibilita mais um questionamento político e econômico-social do que comisseração diante do acontecido.

O relacionamento entre as vozes que se entrecruzam com diferentes entonações gera a polifonia no texto. A presença da ironia resulta justamente desse confronto de vozes. Observa-se na canção a existência de um interlocutor a que se dirige se fala da mãe: «seu moço». Ao longo do texto, a fala do poeta e da mãe interpenetram-se. Na última estrofe e sobretudo nos versos: «o guri no mato, acho que tá rindo./ acho que tá lindo de papo pro ar», a «loucura» da mãe parece atingir o auge por sua atitude passiva diante da morte do filho. Ora, é a ironia do poeta que modifica essa dimensão. As expressões «rindo» e «lindo» conotadoras da inocência do guri contrapõem-se ao aspecto grotesco de «papo pro ar» e à desproporção de forças: «o alvoroço demais». A «loucura» da mãe é um artifício do poeta para denunciar a violência em vários níveis: violência da sociedade manifesta na insanidade da mãe diante da situação, violência do aparato policial ante a desproporção de forças.

Tendo em vista tais considerações, não podemos concordar com a afirmação de Gilberto de Carvalho, no que se refere à mãe do guri: «Só que a mãe, ingênua, desconhece a verdadeira identidade do filho, membro da mais nova confraria dos centros urbanos, surgida nos últimos vinte anos: a confraria dos pivetes».<sup>4</sup> Não nos parece este o sentido do texto.

O guri transita o espaço de «cá» do morro e o espaço de «lá», lugar de prestígio e ascensão social. Como elemento que transita entre esses dois espaços, possibilita revelar as contradições existentes na sociedade. Nessa perspectiva, tanto a mãe quanto o guri oscilam entre o senso e o não-senso. Chamamos de senso a tudo aquilo que está ligado às normas, aos preceitos, aos valores sócio-econômicos e políticos da vida dos dominantes assimilado pelos dominados. O não-senso relaciona-se com a marginalidade em que vivem a mãe e o guri. Contraditoriamente, a existência do não-senso é imprescindível para a permanência do status quo, do senso numa sociedade classista como a nossa, inserida no capitalismo internacional.

---

4. CARVALHO, Gilberto de. Chico Buarque. Análise poético-musical. Rio de Janeiro, Codecri, Rio de Janeiro, 1982, p. 118-120.

### 3. «Strangers in the night».

Passemos agora à análise do anúncio. Vejamos de que modo se posiciona diante do contexto em que se insere.



Figura 1

Antes de mais nada, para a compreensão desse texto é preciso esclarecer que ele surgiu no período em que Frank Sinatra veio ao Brasil. A entrada para o show custava Cr\$ 20.000,00, quantia bastante significativa, considerando uma distribuição desigual de renda.

O anúncio tem como título o nome da conhecida canção americana interpretada por Frank Sinatra: «Strangers in the night». No que se refere a sua apresentação, o anúncio assemelha-se a uma notícia, na secção policial. A imagem é em preto e branco. Mostra alguns menores com tarja preta nos olhos. Despojados de identidade e de qualquer bem material contrastam com carros luxuosos, bens que integram o consumo da sociedade capitalista. O jogo que se dá entre o título do anúncio, da foto e do texto são significativos para a compreensão do todo, como será visto.

Há aspectos retóricos do anúncio que merecem ser estudados. Trata-se de sua «formação discursiva essencialmente voltada para a persuasão».<sup>5</sup>

---

5. CAMPOS, Maria Helena Rabelo. O Canto da Sereia. (Uma análise do discurso publicitário). Dissertação de Mestrado, p. 31.

O anúncio parte da premissa de que aquele que pode «pagar Cr\$ 20.000,00 para ver o Sinatra, pode doar uma bolsa de estudos para um menor abandonado». A primeira vista, portanto, o anúncio tem como objetivo o problema do menor abandonado. É a partir do segundo parágrafo, sobretudo, que fica clara a ação persuasiva do texto. Para que atinja o receptor a que ele se destina, preferentemente — «aquele que pode pagar Cr\$ 20.000,00 para ver o Sinatra» —, é importante a promessa de dedução do Imposto de Renda. É a garantia que o «benfeitor» tem do lucro que advirá de sua doação. Aqui se concretiza o que Haquira Osakabe afirma:

«para a emissão de todo o discurso, à parte a finalidade específica que garante sua motivação, o locutor tem a necessidade de ter também garantido certo número de significações que considera suficientemente aceitas e assimiladas no ouvinte, cujo desconhecimento pode levar o ouvinte a simplesmente recusar o discurso que lhe é dirigido».<sup>6</sup>

Retomemos, ainda, no segundo parágrafo, o processo analógico que se estabelece pelo deslocamento do sentido primeiro de «Strangers in the night» para a situação marginal dos menores. A ênfase na exclusão, em que vivem se traduz nas expressões: «como um estranho na noite, um estranho no dia, um estranho na vida». É importante ressaltar, também, o envolvimento emocional do receptor no sentido de engajá-lo nos interesses propostos pelo anúncio. O tom apelativo e emocional presente no segundo parágrafo modifica-se no terceiro. Salientem-se as formas imperativas: «ligue», «diga» e «faça».

O anúncio finaliza-se com a garantia do anunciador de uma «melhor impressão do nosso país». Perguntamo-nos, então, como fica o problema do menor?

Se a função do anúncio era aparentemente resolver a questão do menor, percebe-se que se limita a modificar a impressão do nosso país diante do estrangeiro. Nesse anúncio, vê-se que as soluções propostas para os problemas sociais se traduzem numa ação ideológica<sup>7</sup> mascaradora das condições reais de existência. Ressaltam-se

---

6. OSKABE, Haquira. *Argumentação e discurso político*. São Paulo, Kairós, 1979, p. 60.

7. Cf. ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa, Presença, s/d., 120 p.

as disparidades de renda geradas por uma estrutura sócio-econômica fundada na relação capital/trabalho. «Strangers in the night» ao mascarar o real, reproduz o sistema produtivo em que está inserido e faz com que o receptor mantenha uma relação imaginária com a instância social.

#### 4. Mãe acusa polícia (ver anexo)

Aqui estamos diante do mesmo problema focalizado em «O meu guri». Trata-se de uma notícia, em que a mãe de um menor de dezesseis anos pede a abertura de um inquérito para apurar seu assassinio e de um vizinho, por policiais. Nessa notícia de jornal domina o discurso indireto. As falas das diferentes personagens estão absorvidas pela perspectiva de um único narrador, deixando patente a violência daqueles, que, investidos de poder, procuram expurgar do processo social menores que pertencem às classes sociais de baixa renda. É importante acentuar que nesse texto não ficam claras as causas da prisão dos menores. A propósito deles, sabe-se que são colegiais que «retornavam do Ginásio do Jardim Veloso». A arbitrariedade do acontecido vai desde a prisão dos menores até à morte dos mesmos.

#### 5. Conclusão

No primeiro texto «O meu guri» de Chico Buarque, as contradições sociais não são aplainadas. Ao contrário, o poeta deixa emergi-las no espaço de seus versos. Vimos que a ironia trágica, o cruzamento de vozes no texto e uma série de inversões foram alguns recursos de que o poeta se valeu para tratar a questão do menor de forma denunciadora.

O anúncio conservou o «status quo», mascarou as disparidades sociais e ilusoriamente falou em nome da classe dominada. As inversões realizadas no texto servem de sustentação para a reprodução do sistema produtivo.

No texto do jornal temos uma explicitação da violência de forma clara. É preciso acentuar, no entanto, que nele domina uma unicidade de ponto de vista, diversamente do que ocorre no poema «O meu guri».

Na busca do descentramento crítico, esse estudo não pretendeu privilegiar o texto literário, mas evidenciar as diferenças e semelhanças das diversas formações discursivas, como já acentuamos. Embora não seja nosso intuito conceituar literatura, pelas considerações feitas, em relação aos textos por nós analisados, pode-se dizer que o texto literário não tem um fim pragmático, como é o caso dos textos do anúncio e do jornal. Relembrando aqui o fato de que nenhum texto se realiza sem a recepção, saliente-se o papel do leitor que diante de textos pragmáticos e ficcionais é levado a passar da superfície textual para o espaço textual.

Cette étude est une approche de textes littéraires et non-littéraires ayant pour but mettre en lumière les différences et les ressemblances des différentes formations discursives. Elle relève d'une lecture de l'idéologie et de la nécessité de repenser le concept de littérature.

## O meu guri

Quando, seu moço, nasceu o meu rebento  
não era o momento dele rebentar  
já foi nascendo com cara de fome,  
e eu não tinha nem nome pra lhe dar.  
Como fui levando não sei lhe explicar.  
Fui assim levando, ele a me levar  
e na sua meninice ele um dia me disse  
que chegava lá, olha aí, olha aí  
olha aí, aí o meu guri, olha aí  
olha aí, é o meu guri e ele chega.

Chega suado e veloz do batente e traz sempre um presente pra  
me encabular tanta corrente de ouro, seu moço,  
que haja pescoço para enfiar.  
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro  
chave, caderneta, terço e patuá  
um lenço e uma penca de documentos  
pra finalmente eu me identificar, olha aí  
olha aí, aí o meu guri, olha aí  
olha aí, é o meu guri e ele chega

Chega no morro com o carregamento  
pulseiras, cimento, relógio, pneu, gravador.  
Rezo até ele chegar cá no alto  
essa onda de assaltos tá um horror  
Eu consolo ele, ele me consola  
boto ele no colo prá ele me ninar  
de repente acordo, olho pro lado  
e o danado já foi trabalhar, olha aí  
olha aí, aí o meu guri, olha aí  
olha aí, é o meu guri e ele chega

Chega estampado, manchete, retrato  
com venda nos olhos, legenda e as iniciais  
eu não entendo essa gente, seu moço  
fazendo alvoroço demais  
o guri no mato, acho que tá rindo,  
acho que tá lindo de papo pro ar  
desde o começo eu não disse, seu moço?  
Ele disse que chegava lá  
Olha aí, olha aí,  
olha aí, aí o meu guri, olha aí  
Olha aí, é o meu guri.

(Chico Buarque de Holanda)

### MAE ACUSA POLICIA

Teresa de Moraes Justino, 46 anos, viúva, solicitou ontem ao delegado adjunto Antônio Siqueira Ramos, de Osasco, abertura de inquérito para apurar a morte de seu filho Valdecir Justino, 16 anos, e de seu vizinho Marcos Antônio, da mesma idade, segundo ela assassinados por policiais militares. Teresa informou que os dois foram presos por patrulheiros do Tático Móvel, dia 25 de março, quando retornavam do Ginásio do Jardim Veloso. Ela e sua filha Vera Helena Justino, 25 anos, os procuraram em vão em vários distritos e hospitais. Dia 30 de março, foram informados que os seus corpos tinham sido encontrados na estradas que liga os municípios de Barueri e Santana do Paraiba. No necrotério do Instituto Médico Legal de Osasco, constatou que foram mortos com tiros na cabeça. Teresa acrescentou que Valdecir confessou à irmã, dias antes de ser executado, que fora ameaçado de morte por policiais militares e que estava com medo.

Folha de São Paulo, quinta-feira 6 de maio de 1982.